

# CONCLUSÕES

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Já é tempo de tirar algumas conclusões construtivas de pois de tantas considerações melancólicas sobre o problema do subdesenvolvimento, que tão de perto nos toca. Vimos que o processo do subdesenvolvimento é uma meada cuja ponta se perdeu, ou ninho de paradoxos em que os fatores mais ostensivamente propostos como remédio são justamente os que entretêm o círculo vicioso do mal. O mecanismo chamado "feed-back" ou causação circular cumulativa é uma das características mais desconcertantes e enervantes do fenômeno, porque nos deixa sem sabermos por onde começar, por onde orientar o conjunto de medidas necessárias para virar "upward" o mecanismo circular. Tomemos por exemplo dois aspectos da mesma fisionomia conjunta: a baixa renda nacional de um país e a elevada proporção de analfabetos. Interligando as duas coisas podemos dizer: "este país está cheio de analfabetos porque é pobre"; mas também poderíamos dizer assim: "este país é pobre porque está cheio de analfabetos". Ambas as proposições são verdadeiras. Mas qual será a mais verdadeira? Qual será a que melhor acentua a hierarquia das causas e portanto mais acertadamente indica o remédio? O economista de formação cartesiana e materialista dirá que é a primeira e indicará uma série de medidas técnicas, que em si são boas e sensatas mas têm o defeito de supor igual bondade e sensatez nos quadros políticos incumbidos de efetivá-las. Mais de uma vez já salientamos a inocuidade das injeções financeiras em corpo político afetado de subdesenvolvimento maligno. Os dólares recebidos serão quase infalivelmente mal aplicados. Pode acontecer que o tratamento puramente material, em cuja dieta se prescreva por exemplo o jejum da liberdade, consiga dar ao país uma prosperidade em bloco, um poder e uma riqueza que seja mais do Estado do que das pessoas que integram a infeliz população de tal país. Num caso destes, o referido economista de formação materialista pensará que rompeu o círculo vicioso do subdesenvolvimento e que contrariou nossa tese, mas na verdade o resultado que ele obteve terá sido apenas o de um país inchado, e não o de um país orgânico e humanamente desenvolvido.

Nós preferimos dizer que, daquelas duas, a segunda proposição é a mais exata e mais fecunda. O país é pobre porque está cheio de analfabetos, ou porque, em termos mais amplos, sua população se acha num baixo nível humano. É por aí que devemos começar qualquer plano de recuperação nacional. Não quero dizer de modo algum que deva ser feita uma campanha de alfabetização antes de qualquer medida administrativa ou econômica. A propriedade que reclamamos para os problemas mais densamente humanos — educação e saúde — é mais metafísica do que cronológica. Muita coisa tem de ser feita ao mesmo tempo, mas o critério que deve polarizar todas as providências administrativas, todas as medidas políticas e econômicas tem de ser o do valor do homem. A pior das desvalorizações que ocorrem num país subdesenvolvido não é a da moeda: é a da vida e da dignidade humana. Um país é subdesenvolvido porque não toma viva consciência do transcendente valor de uma vida de criança que acaba de nascer, ou de uma vida de velho prestes a morrer. Impera nele a lei da entropia, a probabilidade física, a tendência para a uniformidade, para a morte, para o nada. E não é só na mortalidade infantil que se revela esse trágico descaso pelos valores humanos; é em tudo, é até no modo de não resolver um serviço público, ou no tempo que se leva a desimpedir uma rua onde houve um acidente ou a instalar um telefone pedido; é na apatia com que o povo espera ou na apatia ainda maior do povo que nem sequer imagina que possa haver melhor serviço de águas ou de transportes urbanos. Tudo isso se inscreve no mesmo descaso exercido pelos dirigentes ou vivido pelas próprias vítimas: é aí, nesse descaso do homem pelo homem, que está o centro de gravidade do problema do desenvolvimento das nações. O círculo vicioso só pode ser quebrado a partir de um ímpeto inicial na direção da vertical da condição humana. Seria entretanto um erro, e grave, esperar que tal movimento, embora corretamente polarizado pelo primado do espiritual, possa ser conduzido pelo estado ou mesmo pelo grupo que na falta de nome melhor chamaremos de classe dominante, sem nenhum compromisso, porém, com a definição socialista.

Jamais será obra puramente "oficial" ou "estatal" o erguimento de um povo. Ao contrário, só começa a levantar-se o povo que

começa a tomar consciência de sua maturidade em face dos aprelhos de governo. Subdesenvolvimento equivale ao que os psicólogos na ordem individual chamam de imaturidade. Só desaparece pois o fenômeno quando surgem os sinais de maturidade. Mais de um autor, levado pelos postulados do economismo, tem dito que somente o Estado, em país subdesenvolvido, pode ter a primeira iniciativa do erguimento geral. Ninguém negará, evidentemente, a capacidade maior do Estado nos grandes investimentos econômicos; mas também ninguém conseguirá explicar como é que um povo inculto, e pouco imaginoso em matéria de dignidade humana, poderá produzir um governo capaz de manobrar sensatamente grandes investimentos.

Não pretendemos de modo algum negar o papel que há de representar o Estado no processo de recuperação nacional; mas não concordamos que esteja na direção da máxima estatização a chave do problema. Ao contrário, pensamos que há de ser algo de revolucionário e novo o impulso capaz de pôr em marcha os mandarins que até então viviam e engordavam da fome alheia. E se concordarmos que a ponta da meada está nos setores que mais diretamente concernem à pessoa humana — como por exemplo a educação e saúde — então ainda menos podemos conceder às diretrizes oficiais. O primeiro impulso, de ordem política, para desandar a roda do subdesenvolvimento, deverá ser o da destotalitarização dos aís. E para conseguir esse ideal democrático, de humanística e cristã democracia, é preciso lutar para que os grupos minoritários ganhem vitalidade e poder criador que a tal classe dirigente já não possui. Está nessa linha a fecunda idéia a que Toynbee deu o nome, que julgamos infeliz, de "minorias proletárias".

"Salva-se a idéia sem a denominação de sabor inutilmente socialista: o que temos em vista, de certo modo, só pode ser encontrado no extremo oposto ao socialismo. A reivindicação de uma estrutura de ensino diferenciada e livre, como as reivindicações de liberdade de opinião e cultura, são

essenciais para condicionar o primeiro soerguimento capaz de quebrar o anel de ferro que estrangula um povo. A tentação de esperar tudo do Estado e de conceder ao Estado o direito de ditar regras e diretrizes de educação é um dos traços mais característico dos países subdesenvolvidos. Tornamos a cair no círculo vicioso, e agora fastidioso para o leitor que teve a paciência de nos acompanhar até aqui.

Na verdade, sem certo picante de anarquismo, sem a desenvoltura das minorias capazes de viva atuação e de criar novas ondas de opinião e sem o surgimento de um dinamismo histórico suscitado entre os quadros de um povo adormecido, não se consegue conjurar o feitiço do subdesenvolvimento. Um país subdesenvolvido, com muita sorte, pode ter um bom governo; mas isto não basta. É mister que os grupos sociais se reativem, se levantem e comuniquem ao povo o magnífico contágio de um civismo despertado, para as novas exigências da maturidade. A partir de um certo quantum de energia cívica, começa uma nova história, e tudo o que dissemos atrás da causação circular cumulativa ganha agora um sentido de crescimento e prosperidade.

Alguns leitores dirão talvez que percorri um enorme caminho, mobilizando autores e conceitos, para chegar a uma conclusão elementar que o bom senso, sem tanto aparato, poderia encontrar: é pela educação, pela elevação dos homens que se consegue o progresso de uma sociedade. Realmente, a conclusão tem essa colossal simplicidade, mas o fato é que são assim, turvos e nada simples, os tempos em que vivemos. Quando a falta de imaginação se veste de pedantismo e entra a propor uma das fórmulas correntes do desenvolvimento puramente materialista, e quando no próprio Ministério da Educação de um grande país subdesenvolvido há um titular que disse ser o desenvolvimento econômico o problema número um do país, então é preciso dar voltas e virar cambalhotas para provar o que todo o mundo devia saber.